

**ARTE, CINEMA E CONVIVÊNCIA NO (E PARA ALÉM DO) CAPS AD**

Virgínia Lima dos Santos Levy (CAPS AD Centra-Rio)

Lílian Magalhães Costa Lima (CAPS AD Centra-Rio)

Michelle Thomé Lessa Monteiro (CAPS AD Centra-Rio)

Com a “rapidez” na obtenção do “prazer” pela ingestão de substâncias, a vontade de diálogo, de debate, de (resolução de) conflitos, a perseverança para transformações a longo prazo diminuem; fica o toxicômano restrito à conduta costumeira, que não lhe exige tanto “tempo de espera”, vindo a droga a ocupar o papel de “objeto absoluto” que cura de todos os males e que também nos dispensa da existência. Sendo assim, surge o problema da aderência ao “tratamento” de pacientes que, mesmo querendo solucionar questões relativas ao uso de álcool/drogas, podem não se envolver o suficiente – assim como pode despontar uma dificuldade em fazer com que os usuários retomem outras atividades e projetos na vida cotidiana.

Considerando a necessidade apontada pelo Ministério da Saúde em manter uma “perspectiva transversalizadora” que permita “reconhecer o consumidor, suas características e necessidades”, assim como uma “apreensão do fenômeno (...) de modo integrado e diversificado em ofertas terapêuticas (...)”, seguindo um programa terapêutico individualizado que contemple “práticas de cuidados que contemplem a flexibilidade e a abrangência possíveis e necessárias a esta atenção específica”, que incluam ainda “a necessidade de estruturação e fortalecimento de uma rede de assistência centrada na atenção comunitária associada à rede de serviços de saúde e sociais, que tenha ênfase na reabilitação e reinserção social dos seus usuários; considera ainda que a atenção psicossocial a pacientes com dependência e/ou uso prejudicial de álcool e outras drogas deve se basear em uma rede de dispositivos comunitários, integrados ao meio cultural, e articulados à rede assistencial em saúde mental e aos princípios da Reforma Psiquiátrica” e considerando que a possibilidade de novas formas de expressão possa fazer emergir questões significativas, ainda não abordadas pelos

sujeitos, como pontua Autuori (2006) ao apontar diversos caminhos para o trabalho clínico com a arte (seja como mediadora de um encontro, lugar de intervenção ou ainda “arte Sinthomática”) surge no CAPS AD Centra-Rio a proposta de uma oficina que se propõe à descoberta da linguagem audiovisual como forma de expressão, com o objetivo de fomentar a expressão, a reflexão, o diálogo, abrindo aos usuários do serviço um espaço sem foco restrito à drogadicção Este projeto, que completa agora um ano, se compôs de encontros semanais que partiram do trabalho de sensibilização para o uso de imagens, sons, textos, justaposição de imagens e de movimentos como formas de “comunicação”: tanto instrumentos para transmitir uma idéia que se deseja conscientemente passar, como canal por onde se “escoam, onde se vêem e onde se projetam” idéias de que não temos consciência, a princípio – ou que nos parecem naturais, universais, sem o ser. Posteriormente, após uma fase de exercícios “teatrais” e de improvisos filmados de esquetes criadas a partir de temas surgidos do cotidiano dos pacientes no CAPS, como busca de trabalho, uso de drogas na escola, mensagens de natal, pesadelos, procura de tratamento, e etc., teve início o trabalho em cima da possibilidade de, com “planejamento e regularidade”, ser possível alcançar mais os objetivos de cada usuário ao propor determinados temas para os projetos: começa, juntamente com estudos sobre “planos de imagem”, “figurino”, “iluminação” e “sons”, a construção de um roteiro cinematográfico, que se encontra em fase de finalização em julho de 2011, sendo que logo gerará filmagens e posterior edição.

Ao mesmo tempo, a direção do Centra-Rio resolve ampliar a equipe engajada nas “Atividades Culturais/de Convivência”, atividades que, mesmo, prejudicadas pelo espaço físico reduzido da unidade não se resumem a “passeios externos”, mas compreendem também outras atividades como assembléias de usuários, comemoração de aniversários, festejar de datas comemorativas, espaço para reflexões críticas, jogos e televisão.

É das transformações observadas neste momento de ampliação das atividades que propõem o contato do usuário com as artes e o “mundo” que trata este trabalho, guiado pela análise de três estudos de caso onde houve envolvimento dos pacientes com estas atividades no período de 2010 a 2011. Nestes casos, observou-se que o trabalho com estas atividades seguiu-se de

um retorno a desejos, projetos e atividades, trazendo conseqüências para alguns pacientes não apenas dentro do cotidiano do CAPS, mas também transformações em suas vidas externas (, como preocupação em participar assiduamente das atividades, trazer objetos de cena e jogos que a elas complementassem, e até mesmo a busca de profissionalização na área de cinema!). Pretende-se trazer à baila, portanto, a questão dos modos outros de “fazer clínica” que possam ajudar a “produzir outra história, outra possibilidade de existência”, como diz Benevides (2001), citada na Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas, defendendo-se o caráter “terapêutico” destas atividades, por vezes não reconhecido como explica REIS (2004) em seu trabalho sobre sua experiência similar enquanto estudante de cinema e “oficineiro” no CAPS AD Alameda, onde o trabalho em oficina de produção audiovisual não foi considerado “terapêutico”.